

Inauguração: Sábado, 22 de Novembro, 22h

23 Nov – 11 Jan, 2014

Terça a Sábado das 14h às 19h

TEXTO POR JOÃO SILVÉRIO

NOVEMBRO, 2013



A obra de John Wood e Paul Harrison foi mostrada em Portugal pela primeira vez em 2008, como parte da exposição colectiva *Trava-Línguas (Tongue-Twister)*, na Vera Cortês Art Agency, que no ano seguinte recebeu a exposição individual *No Time*; em 2010 participaram na exposição *2 de Copas*, também realizada na Vera Cortês Art Agency, onde agora regressam com a exposição individual *Love Song*. Na estrutura da sua obra, reconhecível através de uma linguagem muito específica em que utilizam diversos *media* sujeitos a uma controlada economia na expressão plástica e visual, progride uma relação de variantes entre a repetição e a tautologia.

A exposição é composta por dois vídeos, intitulados “13 assassinations” e “DIYVBIED”, um conjunto de desenhos, fotografias e objectos escultóricos que de uma forma imediata associamos a maquetas ou modelos, alguns destes directamente relacionados com a obra em vídeo “DIYVBIED”. Sobre esta obra, podemos falar da estranheza dos acontecimentos que se vão sucedendo, ao longo de vinte minutos, num parque de estacionamento repleto de automóveis e sem qualquer presença humana.

Se é certo que a obra destes artistas contempla uma aura de absuridade, é também possível afirmar que nos confrontam com uma meta-representação da realidade através da construção de situações e modelos que a transpõem para uma escala reduzida, enquanto cenário possível de uma sucessão de acidentes, neste caso, carros que explodem sem uma razão aparente e compreensível. O título “DIYVBIED”, composto pelas iniciais de “Do-it-yourself Vehicle Bourne Improvised Explosive Device”, e os movimentos de câmara em planos fixos aliados a uma métrica temporal assíncrona colocam-nos entre o desconforto psicológico, perante a verosímil violência da acção, e uma expectativa que constrói no espectador uma narrativa cujo desfecho causal nunca será conhecido.

Contudo, estamos perante modelos de representação que não pretendem recriar ou comentar situações reais, mas concentrar a nossa atenção sobre o acontecimento como dispositivo visual que perpetua a impossibilidade de compreender a acção numa hipotética estrutura discursiva. Ou seja, como acontece numa lógica ficcional (com afinidades com o imaginário das narrativas do cinema fantástico, ou de animação), a mesma acção pode eventualmente ocorrer continuamente até ao infinito sem que a sua causa seja conhecida.

Se os carros que explodem não são reais, mas a situação é plausível na realidade, encontramos na obra “13 assassinations” um contexto similar em que a lógica do modelo de representação é transferida para a figura humana que se posiciona em situações tipificadas como quotidianas. A ausência de qualquer referência ao lugar ou contexto do acontecimento, essencial na

vasta obra desta dupla de artistas, concentra o olhar sobre o ecrã, adensando a nossa percepção sobre o essencial da acção, uma sequência de disparos em que a projecção do “sangue” denuncia o acto mortal. Acresce a este dado uma construção repetitiva do tema, que sem alterações é apresentado em diferentes situações aparentemente banais, como andar de bicicleta, atender o telefone ou estar por dentro ou por detrás de uma pilha de caixotes. Esta multiplicidade disruptiva que transita sob o mesmo tema, explícito no título desta obra, vai ao encontro das conexões que vamos conhecendo no pensamento de John Wood e Paul Harrison.

As fotografias são um excelente exemplo da sua metodologia. As folhas de papel, numa representação geométrica e minimalista, são aparentemente semelhantes. A diferença, que é suportada na repetição do modelo, deve-se a uma simples alteração da sua posição. Mantêm-se as mesmas dobras e é através deste movimento que a luz trabalha o relevo, diferenciando-as como se se tratasse de uma sucessão de variáveis matemáticas. Contudo, uma das fotografias não conhece o seu duplo, está isolada. Ou seja, introduz um intervalo no padrão que agrega a série de imagens.

Este aparente corte com a regra, ou o padrão, reaparece em alguns dos desenhos expostos, como por exemplo “TABLE FOR ONE” ou “2 POINTERS”.

A exposição percorre assim um itinerário que conduz o espectador para o interior do imaginário em que os artistas trabalham a repetição, a tautologia, o senso comum e a relação entre modelo, escala, realismo e abstracção. Um desenho intitulado “LOVE SONG” coincide com o título da exposição e com o motivo nele desenhado; o encontro com um modelo de um carro acidentado na esquina de um rodapé é uma referência a um acidente. Um outro desenho, intitulado “2 BLUE FLAGS”, em que o título é uma ferramenta fundamental, representa duas bandeiras geometricamente desenhadas em espelho, como se o vento que as direcciona corresse simultaneamente nos dois sentidos de um mesmo vector.

Citando um outro título de uma obra da exposição, seria caso para dizer, “OH NO AGAIN”.

**Opening: Saturday, November 22, 10 pm**

Nov 23 – Jan 11, 2013

Tuesday to Saturday, from 2 pm to 7 pm

TEXT BY JOÃO SILVÉRIO

NOVEMBER, 2013



The work of John Wood and Paul Harrison came to Portugal for the first time in 2008, as a part of *Trava-Línguas (Tongue-Twister)*, a group show at Vera Cortês Art Agency, which during the following year would host their individual exhibition *No Time*; in 2010 they were featured in *2 de Copas*, another group exhibition at Vera Cortês Art Agency, which now presents their solo shown *Love Song*. Throughout their work, easily identifiable due to a very specific language that blends a variety of media with a very precise, economical plastic and visual approach, a combination of variations between repetition and tautology is developed.

The exhibition comprises two videos, entitled '13 assassinations' and 'DIYVBIED', as well as a number of drawings, photographs and sculptural objects that immediately put us in mind of maquettes or models, some of them directly connected to the video-piece 'DIYVBIED'. Here, for twenty minutes, a succession of strange events takes place in a car park full of automobiles and void of any human presence.

While the work of these artists certainly contains a sense of the absurd, they can also be said to confront us with a meta-representation of reality through the construction of situations and models that bring it to a reduced scale, as the possible setting for a succession of accidents, here cars that explode without visible, understandable reason. The title 'DIYVBIED' (an acronym for 'Do-it-yourself Vehicle Bourne Improvised Explosive Device') combines with a series of asynchronously-timed static shots to place us in a situation between psychological discomfort, given the action's credible violence, and an expectation that leads the viewer to imagine a narrative whose eventual outcome will never be known.

However, such representational models are not aimed at re-creating or commenting on real-life situations; rather, they are supposed to draw our attention to the event as a visual device that perpetuates the impossibility of comprehending action within some hypothetical discursive frame. In other words, given that it takes place within a fictional logic (that has narrative affinities with fantastic or animated films), the same action may continuously occur into infinity without its cause ever being identified.

While the exploding cars are not real, the situation itself is plausible in reality; a similar context is present in '13 assassinations', in which the representational model's logic is transferred to the human figure, positioned in a number of supposedly everyday situations. The lack of any reference to the event's location or context (an essential feature in the vast body of work of their artistic partnership) leads us to focus our gaze upon the screen, thus heightening our perception of the basic elements in the action, a sequence of gunshots with spurts of 'blood' punctuating the act's deadly consequences. There is also a repetitive ap-

proach to this theme, which is presented without change in a number of apparently banal situations, such as a bicycle ride, answering the phone and hiding behind a pile of boxes.

This disruptive multiplicity that runs beneath the same theme (made explicit in the piece's title) perfectly meets the connections in John Wood and Paul Harrison's artistic approach.

The photographs, too, are fine illustrations of their methodology. The sheets of paper featured in this geometric, minimalistic piece are apparently similar to one another. Their difference, supported through the model's repetition, lies in a simple change in their position. The folds stay the same, and it is that movement that lets light play on the sheets' relief, differentiating them as if they were a sequence of mathematical variables. However, one of these photographs does not acknowledge a double, being isolated. In other words, it creates an interval in the pattern that aggregates these images.

This apparent break with the rule, or pattern, resurfaces in some of the drawings on display here, namely 'TABLE FOR ONE' or '2 POINTERS'.

Thus the exhibition presents an itinerary that leads the viewer into the artists' imaginative work on repetition, tautology, common sense and the rapport between model, scale, realism and abstraction. One drawing, entitled 'LOVE SONG', coincides with both the exhibition's title and its subject; a miniature car crashed against the corner of a skirting board is a reference to an accident. Another drawing in which the title plays a fundamental role is '2 BLUE FLAGS': it depicts two flags drawn geometrically as mirrored shapes, as if the wind directing them were blowing simultaneously in two opposite directions within the same vector.

To quote another title from a piece on display, we could well say "OH NO AGAIN".